

AFETOS EM MOVIMENTO: Mulheres negras e as (re)configurações de amor e cuidado

Helda da Silva Moreira Roque¹⁴
Lucineia Chrispim Pinho Micaela¹⁵
Elisabete Figueroa dos Santos¹⁶

Resumo

Este trabalho discute os significados de amor e cuidado nas relações afetivas e amorosas de mulheres negras, a partir de referências do feminismo negro e de afroperspectivas. Parte da análise qualitativa de temáticas que emergem de narrativas de mulheres negras docentes, cujas entrevistas integram uma pesquisa de doutorado em andamento. Os resultados indicam que essas mulheres negras vêm se empenhando em um movimento que desafia estereótipos desqualificantes, como o de antimusa, que limitam seu acesso ao amor e ao cuidado. Assim, apontamos suas agências em rechaçar um ideal de relação e/ou de vivência amorosa individualizante e pálido. Esse movimento, enraizado em experiências de resistência, busca romper com a visão da mulher negra como figura subalterna, forte e sem afeto, apostando em uma afetividade concreta, em que o amor e o cuidado surgem a partir da reciprocidade, do respeito, do acolhimento cotidiano, ancorando-se na coletividade e no autocuidado. Por fim, considera-se que, ao estabelecer relações afetivas que validam seus afetos e cultivam a valorização do bem-viver coletivo, o amor se configura como ato de re-existência e de manutenção subjetiva e comunitária.

Palavras-chave: Amor; Cuidado; Mulheres Negras; Relações Afetivas.

AFFECTIONS IN MOTION: Black women and the (re)configurations of love and care

Abstract

This work discusses the meanings of love and care in the affective and loving relationships of black women, based on references from black feminism and Afro-

¹⁴ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

¹⁵ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e membro do Movimento Negro Unificado (MNU - Campinas).

¹⁶ Doutora em Psicologia (UFSCar). Professora do Departamento de Psicologia Educacional (DEPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É líder do Grupo de Pesquisa “Diferenças e Subjetividades em Educação” (DiS) e coordenadora associada do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da UNICAMP

perspectives. It starts from the qualitative analysis of themes that emerge from narratives of black women teachers, whose interviews are part of ongoing doctoral research. The results indicate that these black women have been committed to a movement that challenges disqualifying stereotypes, such as anti-muse, that limit their access to love and care. Thus, we point out their agencies in rejecting an individualizing and pale ideal of relationship and/or loving experience. This movement, rooted in experiences of resistance, seeks to break with the view of black women as a subordinate, strong and affectionless figure, focusing on a concrete affectivity, in which love and care arise from reciprocity, respect, acceptance daily life, anchored in the community and self-care. Finally, it is considered that, when establishing affective relationships that validate their affections and cultivate the appreciation of collective well-being, love is configured as an act of re-existence and subjective and community maintenance.

Keywords: Love; Care; Black Women; Affective Relationships.

AFECTOS EN MOVIMIENTO: Mujeres negras y las (re)configuraciones de amor y cuidado

Resumen

Este trabajo analiza los significados del amor y el cuidado en las relaciones afectivas y amorosas de las mujeres negras, a partir de referencias del feminismo negro y las perspectivas afro. Se parte del análisis cualitativo de temas que emergen de las narrativas de profesoras negras, cuyas entrevistas forman parte de una investigación doctoral en curso. Los resultados indican que estas mujeres negras se han comprometido con un movimiento que desafía los estereotipos descalificadores, como el anti-musa, que limitan su acceso al amor y al cuidado. Así, señalamos sus agencias al rechazar un ideal pálido y individualizador de relación y/o experiencia amorosa. Este movimiento, arraigado en experiencias de resistencia, busca romper con la visión de la mujer negra como figura subordinada, fuerte y sin afecto, centrándose en una afectividad concreta, en la que el amor y el cuidado surgen de la reciprocidad, el respeto, la aceptación de la vida cotidiana, anclada en la comunidad y el autocuidado. Finalmente, se considera que, al establecer relaciones afectivas que validen sus afectos y cultiven la valoración del bienestar colectivo, el amor se configura como un acto de reexistencia y mantenimiento subjetivo y comunitario.

Palabras clave: Amor; Cuidado; Mujeres Negras; Relaciones Afectivas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as peculiaridades e significados do amor e cuidado nas relações afetivas e amorosas de mulheres negras, considerando suas agências e desafios. Discutimos a importância de compreender as formas como a mulher negra, engajada em relações heteroafetivas, experiência e vivencia afetivamente suas relações amorosas para, então, explorar as formas de divisão do poder e de cuidados como estratégias de enfrentamento frente às realidades vivenciadas por elas e seus parceiros. Esse ensaio visa contribuir para a reflexão sobre as possibilidades presentes e futuras de investimentos afetivo-amorosos de mulheres negras, partindo-se de uma perspectiva decolonial, tendo-se em vista incidir em estratégias para potencializar relações afetivas saudáveis, respeitadas e que contemplem as existências, demandas e humanidades de mulheres negras.

O tratamento da temática do amor e do cuidado nas relações afetivas e amorosas de mulheres negras surge da necessidade de compreender as particularidades dessas vivências, considerando a interseccionalidade de gênero, raça e classe social. A escassez¹⁷ de literatura sobre como as mulheres negras se relacionam afetivamente, evidencia o silenciamento e a invisibilização das agências destas mulheres na construção de relacionamentos satisfatórios e saudáveis.

Para desenvolver tais discussões, nos baseamos em uma abordagem qualitativa para analisar temáticas que emergem de recortes de entrevistas narrativas e estudos de casos, a partir de dados obtidos numa pesquisa de doutorado em Educação em andamento. O percurso para obtenção de dados que sustentam as análises aqui colocadas foi composto de uma revisão bibliográfica narrativa para contextualizar o tema; a realização de entrevistas. A análise dos dados pautou-se em uma perspectiva interseccional, considerando o quanto diferentes categorias atravessam as experiências de mulheres negras e sua confluência nas relações afetivas e amorosas.

¹⁷ Foi feito um levantamento bibliográfico para mapear as principais abordagens e estudos sobre o amor nas relações afetivas e amorosas de mulheres negras, visando identificar tendências, avanços e lacunas. A revisão incluiu artigos publicados entre 2019 a outubro de 2024, disponíveis nas bases de dados Scielo e Periódicos Capes, utilizando as palavras-chave "Mulheres negras" AND "amor". Para garantir a relevância, foram considerados apenas estudos revisados por pares, escritos em português. Foram descartados artigos que tratavam de amor fraterno, amor maternal, amor paternal. Restaram oito artigos, que concentram as discussões em torno das relações de afetos da mulher negra.

A temática das relações amorosas surgiu espontaneamente de quatro entrevistas narrativas, em profundidade, realizadas com duas professoras autodeclaradas negras, que trabalham no ensino médio de uma cidade do interior de Minas Gerais. O contato com as participantes foi mediado pelo sindicato de docentes da cidade em que residem e atuam. Selecionamos partes destas entrevistas, aquelas em que se trata das afetividades e experiências amorosas em suas trajetórias.

CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA SOB O OLHAR DO FEMINISMO NEGRO E DA AFRO-PERSPECTIVA

O Feminismo Negro é um movimento intelectual e social que se avultou na diáspora africana, protagonizado por mulheres negras. Trazer reflexões a partir deste marco teórico implica numa escolha de tecer uma linha do tempo que abarca as perspectivas de intelectuais como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, bell hooks, Audre Lorde, entre tantas outras, cujas leituras vêm descortinando conhecimentos e compartilhando saberes que nos possibilitam alinhar compreensões sobre as imbricações de raça, gênero e classe e como isso forja a realidades vividas por mulheres negras.

Pelas insurgências das ativistas negras, o feminismo negro se dedicou a discorrer sobre assuntos que não estavam no escopo hegemônico, e tampouco eram abordados pelo feminismo constituído a partir das epistemologias pretensamente universalistas, que tinham como eixo único a opressão de gênero. Não se deslegitima as opressões produzidas pelo patriarcado, mas salientamos as leituras de Lélia Gonzalez (1978), as quais argumentam que no avanço das lutas feministas, o racismo é fator estrutural impeditivo para as mulheres negras. Nessa esteira, Adichie (2015) defende que o feminismo “clássico” era antiafricano. Portanto, para Gonzalez, não há democracia enquanto o racismo for uma tática de exploração e opressão em pleno funcionamento.

Parafraseando Angela Davis (2017), nas lutas travadas pelas mulheres negras, quando esses corpos se deslocam, toda a estrutura societária se desloca também. Portanto, tomando como referências epistemologias a partir do feminismo negro, torna-se possível pensar sobre as vivências afetivo-amorosas negro-femininas e seus deslocamentos.

Nesse sentido, a literatura feminista negra aponta a coletividade como fator fundante para as formas como mulheres negras se constroem e edificam suas relações ao redor de filhas/os, companheiras/os, familiares, amigas/os e, sobretudo, de outras mulheres negras: são relações que estão dentro dos territórios de demandas e de cuidados.

Lélia Gonzalez, imbuída do entendimento sobre o papel das coletividades e da potências de mulheres negras articuladas, entre-olhando-se e se reconhecendo nas dores, nas astúcias e nas ousadias umas das outras, estabelece um coletivo de mulheres negras, o Nzinga Informativo, o qual, segundo Ratts (2010, p. 97), nasce “em 16 de junho de 1983, na sede da Associação do Morro dos Cabritos, zona oeste do Rio de Janeiro, o Nzinga Coletivo de Mulheres, do qual Lélia Gonzalez foi a primeira coordenadora”.

Com o fortalecimento do avanço das lutas e dos coletivos de mulheres negras e a sua ocupação em diferentes espaços, é legítimo dizer que hoje o Feminismo Negro, no Brasil, ocupa um lugar importante dentro do campo teórico e abre afroperspectivas de vida.

Assim, inaugura-se a possibilidade de se pensar mais que as mazelas vividas pelas mulheres negras, em meio às artimanhas de uma sociedade calcada no racismo e no sexismo, mas de se cotejar também horizontes edificados a partir da noção de bem viver em vários âmbitos de vida, incluindo-se aí o cuidado de si e as relações afetivo-amorosas-sexuais.

Audre Lorde (2020) propõe que o ato de cuidar de si mesma não implica em autoindulgência, trata-se de uma estratégia de autoconservação, diante de um sistema necropolítico que arquiteta a aniquilação cotidiana de nossas subjetividades, de nossas afetividades e, no limite, de nossas vidas. A autora defende, assim, o autocuidado como uma necessidade política para mulheres negras em um contexto de opressão. Lorde destaca ainda a importância do movimento de cuidar de si como resistência, enfatizando a necessidade de buscar apoio em comunidades que compartilhem experiências similares para promover cura e fortalecimento mútuos.

No encontro entre as discussões propostas pelo Feminismo Negro e as relações coletivas e calcadas no amor, Nascimento (2012) propõe que as trajetórias das mulheres negras deslocam-se e *atravessam o Atlântico*,

questionando padrões sociais, o que imputa demandas para redes e parcerias para o enfrentamento desse racismo estrutural.

Cabe a essa mulher a desmistificação do conceito de amor, transformando este em dinamizador cultural e social (envolvimento na atividade política, por exemplo), buscando mais a paridade entre os sexos do que a "igualdade iluminista". Rejeitando a fantasia da submissão amorosa, pode surgir uma mulher preta participante, que não reproduza o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo assim, assumir uma postura crítica intermediando sua própria história e seus ethos. Levantaria ela a proposta de parcerias nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas (Nascimento, 2021, p.235).

Souza e Alves (2020) questionam discursos eurocêntricos a respeito do dispositivo do amor, analisando-o criticamente a partir da ética do viver africano, na tentativa de reaprender significados descolonizados para o fenômeno amoroso. O discurso eurocêntrico sobre amor, baseado na filosofia de Platão, enfatiza um ideal de amor separado do corpo e do mundo sensível, daí a ideia de amor platônico. As consequências dessa idealização romântica estruturam as sociedades ocidentais por meio de discursos que geram realidades racistas, patriarcais, cisheteronormativas. Essa perspectiva é confrontada à ética do viver africano, pois a cosmovisão africana reconhece a diversidade de formas de vida e a importância da comunidade.

Sobonfu Somé (2007) apresenta uma concepção de relação amorosa na cultura Dagara em que vigora uma subjetividade que questiona o uso dos prazeres e como epicentro da relação amorosa e defende outros parâmetros. O relacionamento não deve prescindir de sua função comunitária; o que implicaria numa relação de fracasso. Relações solipsistas e objetificantes gera subjetividades sem local de pertencimento.

Na afroperspectiva de Somé, todo relacionamento amoroso precisa ter o apoio de uma comunidade, seja ela, de amigos ou a família, pois sem essa rede de apoio torna-se difícil que uma relação perdure. Pois quando não há uma comunidade de amigos e familiares envolvidos em um relacionamento, todas as expectativas de intimidade estão centradas no microcosmo do casal. O

isolamento resulta, com frequência, em sobrecarga e falta de apoio para superar as dificuldades.

NARRATIVAS DE AMOR E CUIDADO NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Apresentaremos brevemente as histórias de duas mulheres negras entrevistadas, destacando os principais pontos de suas vivências amorosas.

Neusa

Neusa é uma mulher negra, casada, mãe de dois filhos. Professora com formação em Filosofia, foi coordenadora geral de um sindicato de docentes da rede pública da sua cidade. Atualmente, é aposentada num cargo, mas precisou voltar a trabalhar, por questões financeiras. Atravessada por questões do racismo, machismo e de dificuldades financeiras desde a infância, faz psicoterapia regularmente por se considerar ansiosa e deprimida. Associa sua identidade de mulher negra às suas experiências de vida pessoal e profissional. Apresenta suas experiências de relacionamentos afetivos, anteriores ao casamento, predominantemente com homens negros, como decepcionantes e frustrantes, devido ao machismo reproduzido por eles. Devido ao controle e conservadorismo religioso católico de sua família nuclear, ao descobrir sua primeira gravidez, casou-se com o seu namorado (um homem branco), pois tinha receio de conviver com as críticas e julgamento dos pais e irmãos, como sua irmã mais nova, que foi mãe solo. Em suas narrativas afirma que o marido tem sido um bom pai e companheiro, diferentemente das suas expectativas. Ambos construíram uma parceria funcional, que proporcionou um pouco de estabilidade financeira e a possibilidade de dar formação educacional aos dois filhos. Avalia positivamente sua experiência matrimonial que já perdura por 31 anos.

Raquel

Raquel é uma mulher negra, cis, heterossexual, de 50 anos e de 28 de experiência como professora de química do ensino médio de escola pública. Órfã de pai aos quatro anos, de mãe aos dezessete anos, recebeu apoio dos seus irmãos para poder concluir o ensino médio. Em suas narrativas destacou o quanto vivenciou junto a outras mulheres negras e de classes sociais mais baixas, o isolamento e a discriminação, principalmente na universidade e nas áreas de trabalho. É no período do curso universitário que teve muito convívio com a comunidade africana, em Juiz de Fora (MG). Viveu por um período em Guiné-Bissau e só voltou para o Brasil para cuidar de seus sobrinhos quando eram crianças, após a morte de sua irmã mais velha. Suas relações afetivas e amorosas foram permeadas por diversos tipos de violências morais, financeiras e psicológicas, o que afetou bastante sua saúde mental. Sobre o atual relacionamento, ela avalia que é o relacionamento mais saudável que já teve, um homem negro dez anos mais novo, que a trata bem e não a explora financeiramente.

Descortinando dores, reconstruindo afetos: o caminho do autoamor ao amor recíproco

Historicamente, a representação social da mulher negra como a "antimusa" (CARNEIRO, 2003) — uma figura a quem o amor e o romantismo não são destinados — está enraizada em estereótipos racistas e na desumanização histórica de mulheres negras. Em um contexto marcado pela desvalorização, muitas mulheres negras acabam sendo socialmente empurradas para relações que as exploram ou as secundarizam, em vez de lhes proporcionar um espaço de respeito e reconhecimento. Elas são, com frequência, reduzidas a corpos de resistência e de força, relegadas a papéis de apoio emocional e sexual, mas raramente a figuras centrais de afeto e devoção. Essa representação afeta profundamente suas vivências afetivas e como elas mesmas situam sua autoestima e dignidade nas relações, dificultando a construção de laços românticos baseados na reciprocidade e no equilíbrio.

As narrativas selecionadas de Neusa revelam como o amor, o cuidado e as expectativas moldadas pelas normas de gênero e raça se entrelaçam em sua trajetória. Uma vez que, durante sua juventude, ela enfrentou rígidas regras familiares, impostas principalmente por sua mãe, a partir de restrições morais e católicas, com uma visão machista e negativa dos homens. Tais imposições restringiam sua liberdade sexual com pressões a casar-se virgem, atravessando e redirecionando suas escolhas e experiências afetivas, amorosas e sexuais. Apesar de ter se casado jovem por conta da gravidez, destacou que o marido é bastante companheiro, que a apoiou na criação dos filhos e na busca por estabilidade financeira, demonstrando a diversidade de relações e a importância do apoio mútuo.

Suas experiências afetivas anteriores, todas com homens negros, foram marcadas por frustrações e desencontros, por conta da sua formação católica rígida, às expectativas de sua família, que tratavam a questão racial como tabu e também com reprodução do racismo e do machismo. Essa falta de consciência racial na família a impediu de se reconhecer como mulher negra até a juventude, mas é a partir de sua participação em coletivos da juventude católica que ela começou a ter discussões sobre a temática racial.

Neusa vive um casamento interracial, fora dos padrões de sua família nuclear que é negra. Apesar das dificuldades iniciais, o casamento é baseado no companheirismo, apoio mútuo e na divisão das responsabilidades, o que aparentemente demonstra uma negociação saudável e igualitária de amor e cuidados. Sua trajetória é fortemente marcada por sua agência em espaços políticos e movimentos sociais, como pastorais eclesiais quando jovem e num sindicato de docentes, na década de 1990, após começar sua trajetória enquanto professora.

O amor e o cuidado são negociados nessas relações. As expectativas impostas por normas de gênero e raça, analisando as experiências de Raquel, compreendemos que suas escolhas basearam-se em expectativas de gênero e subserviência, o que estava ligado à sua dificuldade de impor limites e a uma tendência de se anular para atender às expectativas de outras pessoas, especialmente em relacionamentos com homens brancos. Assim, Raquel afirma que: "como ninguém me queria, quando aparecia alguém, o primeiro que

aparecia eu queria segurar por unhas e dentes. E aí me sujeitava a várias humilhações, a vários tipos de situação. Só para ter alguém”. O papel de subserviente reforça o estereótipo de como a mulher negra é vista na sociedade, conforme o ditado brasileiro: “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar”, de acordo como asseverou Lélia Gonzalez (2020, p. 170).

Quando jovem, Raquel apenas enxergava beleza em homens brancos, mesmo sabendo que seria por eles preterida: “Para mim, bonito era só gente branca. Eu não conseguia ver um homem preto e falar: ‘nossa, que cara bonito!’ E nunca ficava com ninguém, né? Porque homem branco, bonito, não quer mulher preta”. De acordo com Neusa Souza, a pessoa negra nasce e sobrevive imersa numa ideologia imposta pela branquitude como ideal a ser alcançado, chegando à negação da sua identidade. Assim, Raquel reproduzia os efeitos internalizados pelo tripé: “continuum de cor; da ideologia do embranquecimento e da democracia racial” (2021, p. 50).

É através das suas experiências e amizades com pessoas africanas e em Guiné-Bissau que Raquel passou a valorizar sua negritude e buscar se relacionar com homens negros, um desafio diante da necessidade de romper com padrões estereotipados e pela busca de aceitação. Mesmo com muitos relacionamentos abusivos, tanto com homens brancos quanto com negros, nos quais vivenciou situações de racismo e sexismo, atualmente conseguiu ressignificar essas dinâmicas, rompendo também um preconceito que teve inicialmente pelo fato de seu atual parceiro ser dez anos mais novo que ela. É no contexto desta relação que ela considera compartilhar uma parceria saudável e respeitosa.

No percurso de Raquel, podemos identificar como o (re)encontro com África foi fundamental para que ela se reencontrasse consigo mesma como mulher negra e, concomitantemente, reencontrasse o homem negro como potencial parceiro afetivo-amoroso.

A construção de processos de amor e cuidados calcada na realidade implica em rechaçar os modelos de padrões históricos e excludentes. Dentre os pontos em comum entre as histórias narradas destacamos o cerceamento e os estereótipos independente do extrato social atribuídos às mulheres negras. Essas violências impactam e interferem diretamente na relação de reciprocidades de amor e cuidado entre mulheres e homens negros. Neste contexto, salientamos a

importância do das críticas negro-femininas e a inserção das masculinidades negras com a propositura de ressignificar relações de amor e cuidado, o que pode configurar um ato revolucionário rumo à ruptura desses parâmetros.

bell hooks (2000) abordou a importância do amor-próprio para que mulheres negras consigam amar a si próprias, a partir da ética amorosa, para a construção de uma autoestima saudável e para o rompimento de ciclos de relacionamentos destrutivos e de autossabotagem. O amor-próprio é uma prática transformadora muito mais que um sentimento, é uma escolha consciente e uma ação contínua, que nos fortalece cada e nos torna capazes de amar outras pessoas, de maneiras menos dependentes e mais calcadas no convívio de mútuo crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres negras vêm se empenhando em um movimento ancestral para desafiar estereótipos desqualificantes que limitam seu acesso ao amor e ao cuidado. Bem como para rechaçarem um ideal de relação e/ou de vivência amorosa individualizante e pálido. Esse movimento, enraizado em experiências de resistência e resiliência, busca romper com a visão da mulher negra como figura subalterna, forte e sem afeto, - ou como diria Clélia Prestes (2013, s/p): “feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras [...]” com vistas a lutar para manterem-se na rota do amor e do cuidado. Em comunidades e redes de apoio, essas mulheres têm resgatado suas histórias e identidades, reconhecendo-se como merecedoras de afetos e de vínculos que respeitem suas necessidades e subjetividades reais.

Ao contrário de uma visão fugaz e frequentemente racista do amor romântico, esse movimento aposta em uma afetividade concreta, em que o amor e o cuidado surgem a partir da reciprocidade, do respeito e do acolhimento cotidiano, estabelecendo relações afetivas que validam suas existências e cultivam uma autoestima coletiva. Dessa forma, o amor torna-se um ato de resistência e de automanutenção subjetiva e coletiva.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos Feministas*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In: Organização Ashoka Empreendedores Sociais (Takano Cidadania). Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano. 2003. Cap. 7. (49-58).

DAVIS, Angela. *In: ALVES, Alê. Feminismo. El País Brasil*. Salvador, 27 de julho de 2017. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html.

Acesso em: 05 de novembro de 2025.

DAVIS, Angela Yvonne. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia Almeida. A imprensa feminista feita por negras e para negras. *Nzinga Informativo, Rio de Janeiro, Fevereiro/março, 1986, nº 3. p.8.*

GONZALEZ, Lélia Almeida As mulheres do Nzinga com cara e coragem. *Nzinga Informativo*. Rio de Janeiro, Julho/agosto, 1988 nº 4. p.8.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ª. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o Amor: novas perspectivas*. [s.l.]: Editora Elefante, [s.d.]

LORDE, Audre. *Sou Sua Irmã: escritos reunidos*. Trad: Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MNU. Movimento Negro Unificado. Entrevistas com Lélia Gonzalez e Bryan Stevenson. *Jornal do MNU*, Salvador- Bahia, maio/junho/julho de 1991, nº09, p. 12

NASCIMENTO, Beatriz, 1942-1995. *Uma história feita por mãos negras*. (Org.) Alex Ratts. 1ª ed. São Paulo: Zahar. 2021.

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. *Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e*

pertencimentos. 175. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2010.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. [s.l.]: Odysseus, 2007.

SOUZA, Monique Navarro; ALVES, Miriam Cristiane; Discursividades amorosas: agenciamentos éticos africanos e descoloniais. In: ALVES, M. C.; JESUS, O. Ò. K. J. P. DE. *A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas*. [s.l.] Redeunida, 2020. v. Volume 2. Disponível em:

<<https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 8 nov. 2024. p. (25-41)

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1ª. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.